Globethics Repository



O livro de Daniel [The book of Daniel]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Oliveira Soares, Dionísio
Publisher	Departamento de Teologia da PUC-Rio
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-09 04:25:35
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/218760

O livro de Daniel: Aspectos sócio-históricos de sua composição

Dionísio Oliveira Soares

1. Introdução: a inclusão nas Escrituras e o personagem central

O livro de *Daniel* é considerado uma obra do período intertestamentário. Foi o último a entrar para as Escrituras Hebraicas, quando estas já estavam bastante conhecidas, na parte dos Hagiógrafos. Diferentemente das Escrituras Hebraicas, a Septuaginta (tradução grega dessas Escrituras) relacionou o livro entre os profetas, tradição que foi seguida pelas Bíblias cristãs.

Os Hagiógrafos ("Escritos") das Escrituras Hebraicas não englobavam a *Torah* nem os livros proféticos, e o fato de *Daniel* ser inserido nessa parte pode indicar sua composição tardia. O próprio redator (Dn 9,2) faz referências às "Escrituras", dentre as quais estava *Jeremias*, o que dá testemunho da cristalização e autoridade dos livros proféticos. Além disso, certamente os escribas perceberam sua categoria diferente da dos livros proféticos, e assim não o inseriram entre eles.

É provável que sua entrada se deu por pertencer à tradição do ciclo de Daniel, personagem antigo, louvado por sua justiça e sabedoria. Segundo D. S. Russell, os apocalípticos tinham certeza de pertencer a antigas tradições; uma provável linha de tradição é associada ao nome de Daniel[1]. Essa tradição tem menos evidência do que outras duas principais citadas por Russell, de Enoque e de Moisés; entretanto, há indicações de que o Daniel da

[1] RUSSELL, D. S., *The Method and Message of Jewish Apocalyptic, p*. 109.

apocalíptica judaica reflete um antigo herói cujo nome já era conhecido dos judeus há vários séculos e também em legendas estrangeiras. No livro de *Ezequiel* (14,14.20 e 28,3) ele aparece sob a forma *Dan'el,* sendo associado em 28,3 a Noé e a Jó por sua sabedoria e conhecimento acerca das tradições secretas. Fora de Israel sua justiça e sabedoria são louvadas nos poemas de *Ras Shamra* (preservados em tabletes encontrados em Ugarit, norte da Síria, datados no XIV século a.C.), na legenda de *Aqatu*, onde é feita menção a certo *Dan'el*, um homem justo que zelava pelos órfãos e pelas viúvas na angústia deles[2].

Não é certo que o *Dan'el* de *Ras Shamra* se refira ao de *Ezequiel*, nem que ambas as referências possam ser identificadas com o Daniel apocalíptico, mas a evidência torna essa identificação bastante plausível[3]. É provável que o redator de *Daniel* conhecesse o livro de *Ezequiel*, como já conhecia na mesma época Ben Siraque (Eclo 49,6-7), o que também pode ser atestado quando se compara o oráculo de Ez 31 com Dn 4[4].

Portanto, o redator de *Daniel* deve ter retirado o nome de seu herói da tradição do herói antigo, provavelmente a partir de *Ezequiel*; o fato de o antigo *Dan'el* ser renomado por sua justiça e sabedoria em revelar segredos e mistérios deu o recurso necessário para que o escritor adotasse seu nome. De fato, em Dn 1,4 o herói do livro e seus três companheiros são descritos como "instruídos em toda sabedoria, conhecedores da ciência e sutis no entendimento", além de instruídos na "escrita e língua dos caldeus".

Como nas tradições de Enoque e de Moisés, Daniel é orientado a manter segredo sobre as revelações (8,26; 12,4.9), mantendo o livro lacrado até o tempo determinado; é a expressão do caráter esotérico presente nessas tradições.

Segundo Russell, esses três nomes não esgotam os pseudônimos usados nos apocalípticos, sendo apenas os principais; aparecem também, por exemplo, Abraão, os Patriarcas, Salomão, Isaías e Baruque[5].

A idéia dos possíveis ciclos de escritos formados por nomes de heróis lendários é compartilhada também por Trebolle Barrera:

> Possivelmente existissem ciclos de escritos apócrifos, cada um colocado sob a autoridade de um personagem bíblico ou neotestamentário como Daniel, Esdras, Maria,

[2] Cf. PRITCHARD, J. B. (Ed.), *ANET*, p. 149-155.
[3] RUSSELL, D. S., op. cit., p. 115.
[4] A grandeza do faraó é descrita em *Ezequiel,* por meio de uma parábola que evoca a grandeza do cedro do Líbano, mesmos termos utilizados para descrever a grandeza de Nabucodonosor em Dn 4.
[5] Ibidem, p. 117.

> Pilatos, os apóstolos e outros personagens do cristianismo nascente. Estes ciclos estavam relacionados, quem sabe, com escolas, que seguiam um mestre e representavam uma linha determinada da tradição[6].

Podemos observar, então, que o personagem principal do livro, Daniel, é um personagem já mencionado na Escritura judaica (Ez 14 e 28)[7] e atestado em textos estrangeiros. No período intertestamentário, aparece também no *Livro dos Jubileus* 4,20 um *Danel* como sendo tio e sogro de Enoque e, portanto, trisavô de Noé[8].

O próprio nome desse personagem ("o Senhor é meu juiz") indica a "justiça personificada", trazendo com ele a sabedoria para compreender corretamente. O aspecto lendário de sabedoria trouxe também a aproximação com o caráter sapiencial da literatura apocalíptica[9]. Fica claro, portanto, que essa figura lendária foi ponto de convergência entre muitas tradições[10]. A importância desse personagem para o livro de *Daniel* reside justamente em sua associação a uma figura sábia e legendária[11]. Assim sendo, no livro de *Daniel*, trata-se de um personagem meramente literário.

Obviamente, essa figura aparece com nova identidade no livro: é um judeu, vivendo no exílio babilônico. Não há argumentos conclusivos para afirmar que o redator do livro conhecesse essa figura através de literatura estrangeira; como afirmamos acima, é mais provável que o conhecesse pelo

---

[6] BARRERA, Julio Trebolle, *A Bíblia hebraica e a Bíblia cristã*, p. 285.

[7] Em Esd 8,2 também é mencionado o nome Daniel, ligado a um sacerdote que retorna do exílio babilônico, bem como em Ne 10,7 (que parece referir-se ao mesmo personagem de *Esdras*).

[8] Essa obra possui datação controvertida (indo do V ao I século a.C.). Entretanto, a opinião mais comum a situa em torno de 100 a.C. (cf. a citação em CHARLES, R. H. (Ed*.). The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*, p. 18-19. v. 2).

[9] Cf. VON RAD, Gerhard. Daniel e a apocalíptica. In: _____. *Teologia do Antigo Testamento*, p. 723-744. v. 2.

[10] Daniel, como personagem lendário, é ponto pacífico na crítica moderna, dentre a qual destacamos D. S. Russell, J. A. Montgomery, J. J. Collins, J. M. Asurmendi, Norman Cohn e N. W. Porteous.

[11] Se considerado literalmente, o personagem Daniel começa sua participação na narrativa (Dn 1,1) no "terceiro ano do reinado de Joaquim" (606 a.C.), quando já era um jovem exilado (provavelmente entre 15 e 20 anos de idade); segundo Dn 1,21, exerce suas atividades na corte até o "ano primeiro do Rei Ciro" (538 a.C.). Assim, teria exercido suas atividades por quase 90 anos e sob regimes diferentes, tendo vivido além dessa idade; tal participação, indubitavelmente, carece de verossimilhança. Segundo Porteus, "as datas nesse livro não implicam genuíno interesse histórico" (cf. PORTEOUS, Norman W. *Daniel, a Commentary*, p. 39). O mais provável é que essas datas foram citadas no texto procurando realçar não a idade do personagem, mas sim um período de tempo correspondente ao período do exílio judaico.

livro de *Ezequiel*[12]. Assim, "o nome foi tirado de uma história popular judaica existente"[13].

2. Autoria e época de composição

A autoria do livro é uma discussão associada ao lugar de origem e sua unidade literária, bem como também às línguas em que foi escrito. Essas questões estão estreitamente relacionadas, de tal forma que, ao se tratar de uma, as outras acabem envolvidas na discussão. Aqui, tentaremos nos ater somente à questão da autoria e época de composição.

A maioria esmagadora dos autores concorda que a composição final do livro se deu no período macabeu, com o *terminus a quo* em 167 a.C. e o *teminus ad quem* em 164 a.C.[14]. O próprio texto de *Daniel* dá uma indicação precisa: o capítulo 11. As guerras entre os Ptolomeus e Selêucidas são narradas com riqueza de detalhes, assim como também o reinado de Antíoco IV Epífanes (175-164 a.C.), o qual intentou impor o culto e civilização helênicos a toda a extensão de seu império, além de dedicar o Templo de Jerusalém a Zeus (2Mc 6,2), identificado com Júpiter romano.

Num contexto mais amplo, o livro remonta ao período da morte de Alexandre, o Grande (323 a.C.) e à divisão de seu império entre Ptolomeus (Egito) e Selêucidas (Síria e Palestina), e Antígono (na Macedônia)[15]. Irromperam as guerras lágidas (entre Ptolomeus e Selêucidas), as quais marcaram todo esse período. A Judéia ficou, primeiramente, sob o domínio dos Ptolomeus por cerca de cem anos.

---

[12] COLLINS, J. J., *Daniel: a Commentary on the Book of Daniel*, p. 2.

[13] MONTGOMERY, J. A., *ICC*, p. 3.

[14] Entre os estudiosos que atestam a data do II século a.C. estão Alexander A. Di Lella, D. S. Russell, Gerhard von Rad, H. H. Rowley, Herbert Donner, J. A. Montgomery, J. J. Collins, J. M. Asurmendi, Klaus Koch, Louis F. Hartman, M. L. West, Martin Noth, Mathias Delcor, Norman Cohn, N. W. Porteous e S. B. Frost. Para uma posição contrária, defendendo a época babilônica para a composição do livro, bem como sua unidade de autoria e na composição original, cf. BALDWIN, J. G. *Daniel, an Introduction and Commentary* (publicado em português pelas editoras Vida Nova e Mundo Cristão, em 1983, na "Série Cultura Bíblica"): "Levando-se em conta todos os fatores relevantes, incluindo-se aí os argumentos para a unidade do livro, uma data no fim do sexto ou no início do quinto século para o livro como um todo nos parece ser a que melhor corresponde às evidências" (p. 50). A autora parte da ambientação babilônica proposta nos seis primeiros capítulos de *Daniel* para endossar sua posição. Além disso, ela tenta provar, com argumentos pouco convincentes e não conclusivos, a historicidade dos personagens e dos fatos narrados no livro, utilizando uma abordagem com ares fundamentalistas.

[15] Para uma informação detalhada e muita bem documentada desse período, cf. DONNER, Herbert, *História de Israel e dos povos vizinhos*, p. 499-512. v. 2.

Entretanto, após a batalha de Panion em 198 a.C., ela passou para o domínio dos Selêucidas. Esses foram mais opressores para com os judeus do que os Ptolomeus. O primeiro rei selêucida, Antíoco III, adota primeiramente uma atitude benévola e mantém a autonomia judaica dada pelos Ptolomeus. Porém essa política de benevolência não durou muito. O rei passou a empenhar custosas guerras, inclusive contra Roma, sendo derrotado por ela na batalha de Magnésia (190 a.C.). Após essas guerras, Antíoco III acabou tendo seu território reduzido e sendo obrigado a pagar pesados impostos a Roma. Isso o impeliu a cobrar taxas mais pesadas a seus súditos do que cobravam os Ptolomeus. Seleuco IV, seu sucessor, tentou saquear o Templo de Jerusalém para salvar suas finanças; apesar de não ter conseguido, tal fato ofendeu em extremo aos judeus.

Após uma série de disputas e mortes pelo poder, chega ao trono Antíoco IV Epífanes, o qual consegue, de fato, saquear o Templo de Jerusalém. Antíoco impôs, em verdade, um culto oriental helenizado. Segundo Rowley, um culto "muito outro do que o culto grego, no qual Baal-samin era equiparado a Zeus; Alat, a Atena; Dusara, a Dioniso. Esta fusão do helenismo com o orientalismo era característica da política da Macedônia"[16]. Já Heródoto afirmara que os próprios gregos, num período mais antigo, já haviam recebido influência da religião egípcia: "Quase todos os nomes dos deuses passaram do Egito para a Grécia. Não resta dúvida de que eles nos vieram dos bárbaros. As perquirições que realizei em torno de suas origens convenceram-me de que assim foi"[17].

A supressão dos sacrifícios judeus no Templo e a constituição do culto "pagão" no território judaico contribuíram para a exasperação da comunidade. Antíoco mandou devastar Jerusalém, proibindo o culto judaico e fundando o culto de Zeus Olímpico na Praça do Templo[18]. Assim, "havia irrompido sobre o segundo templo a 'abominação da desolação' (Dn 11,31; 12,11)"[19]. Afora tudo isso, ainda houve vários litígios dentro da própria sociedade judaica entre os judeus que viam com bons olhos a helenização e os que queriam rechaçá-la na tentativa de manter intactas as tradições judaicas. Essas lutas se deram inclusive na disputa pelo poder político-religioso representado pelo cargo de sumo sacerdote, entre os oníadas e os tobíadas.

---

[16] ROWLEY, H. H., *A importância da literatura apocalíptica*, p. 49.
[17] HERÓDOTO, *História*, Livro II, 50. Tradução de J. Brito Broca, p. 218.
[18] O historiador Norman Cohn afirma que Antíoco IV estabeleceu no Templo de YHWH o culto de um deus sírio, Baal Shamen (cf. COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá*, p. 20).
[19] DONNER, Herbert, Op. cit., p. 507.

Todos esses fatores levaram à eclosão da Revolta dos Macabeus: "A imposição de medidas vexatórias em relação à autonomia dos judeus e a exigência de se praticar a religião estrangeira, em um contexto social e religioso tão degradado, levarão à revolta macabaica"[20]. À luz dessa situação, o livro de *Daniel* pode ser entendido: as histórias da primeira parte (capítulos 1-6) serviram para sustentar os fiéis neste tempo de crise; em se tratando, de fato, de Nabucodonosor, Baltazar e Dario, elas seriam inócuas, mas se se leva em consideração àqueles aos quais foram escritas, estes facilmente teriam a chave para a sua interpretação[21].

Assim sendo, as histórias dos capítulos 1 a 6 "não se referiam a Nabucodonosor, Belsassar, Dario, nem pretendiam ridicularizar simplesmente Antíoco relacionado a estes nomes. Eram histórias, primeiro e acima de tudo, a respeito de homens leais, que se recusaram a comprometer sua fé e foram salvos por Deus"[22]. Dessa maneira se entende muito bem o objetivo do redator em compilar as histórias dos capítulos 1 a 6 e adicionar as visões de Daniel acerca do "futuro" do povo de Deus.

No capítulo 11 do livro de *Daniel*, os detalhes históricos são tão abundantes e precisos que não resta dúvida de que o autor está remetendo seus leitores a Antíoco IV. O texto de 11,21-39 fornece detalhes da carreira desse monarca: a prescrição contra a prática do judaísmo (11,28-30), a profanação do Templo (11,31), e a perseguição a setores do judaísmo (11,33-34). Entretanto, a morte de Antíoco (abril de 163 a.C.) referida no texto não condiz com a realidade histórica e, além disso, não é feita nenhuma referência à nova dedicação do Templo em dezembro de 164 a.C., fatores que corroboram para o estabelecimento do *terminus ad quem*.

O redator do livro coloca todos esses acontecimentos do período helenístico em forma de um futuro em relação a um passado distante: trata-se de uma característica apocalíptica, a *profecia ex-eventu*, pois a narração é colocada numa visão dada ao personagem Daniel "no terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia" (Dn 10,1).

Além disso, outros detalhes históricos narrados nos capítulos 7 a 12 revelam conhecimento do autor de toda a época helenística, cujo esboço relatamos acima. Se desconsiderarmos a característica da *profecia ex-eventu* e apelarmos para um conhecimento sobrenatural da história, colocando o livro como um todo como obra de um judeu exilado no VI século a.C. (três a quatro séculos antes dos acontecimentos narrados), fica muito difícil explicar

[20] ASURMENDI, Jésus M., *Daniel e a apocalíptica*. In: CARO, José M. Sanchéz (Ed.), *História, narrativa, apocalíptica*, p. 426.
[21] ROWLEY, H. H., Op. cit., p. 49.
[22] Ibidem, p. 50.

em que os detalhes das alianças políticas entre Selêucidas e Ptolomeus nos séculos III e II a.C., bem como a carreira de Antíoco IV no século II a.C. interessariam aos judeus cativos da Babilônia no VI século a.C., supostos destinatários do livro[23]: "Não há uma razão aparente, entretanto, por que um profeta do sexto século deveria focalizar minuciosa atenção sobre os eventos do segundo século"[24]. Seu conhecimento sobre o século II é bem mais preciso do que o conhecimento do período babilônico e persa.

O erudito grego e filósofo neoplatonista Porfírio (século III d.C.) já afirmava que o livro de *Daniel* continha *profecia ex-eventu* e era fruto de composição da época macabaica. Rowley sumariou a questão ao afirmar "que o livro foi escrito nos dias dos macabeus, desde há muito se afirma e continuará a sê-lo no presente. Há quem defenda a data do sexto século, mas as evidências contra essa opinião são esmagadoras"[25].

Outro dado que revela que o redator do livro está distante dos relatos que coloca na época caldéia são as imprecisões históricas: "Que o livro não pode ter sido escrito na época exílica é provado pelo conhecimento vago do autor sobre o período babilônico e o começo do período persa, e suas efetivas imprecisões"[26]. Baltazar é filho de Nabônides, não de Nabcodonosor, e nunca teve o título de Rei; "Dario, o medo", é desconhecido dos historiadores e não há lugar para ele entre o último rei caldeu, Nabônides e Ciro, o Persa, o qual já havia vencido os medos (549 a.C.) quando conquistou o Império Babilônico. As datas apresentadas no livro não se harmonizam entre si e nem com a história, parecendo que foram citadas no início dos capítulos sem muita preocupação com a cronologia, conforme já observado acima. Além disso, Nabucodonosor não levou para o exílio Joaquim e nem os utensílios do Templo de Jerusalém[27].

J. A. Montgomery acredita que as histórias contidas nos seis primeiros capítulos do livro são anteriores à época macabaica, devendo esses capítulos ser "reportados ao III século aproximadamente, a uma época não anterior à divisão do império de Alexandre pelos Diádocos. Mais precisamente nós não podemos declarar"[28]. As histórias baseadas em tradições babilônicas e judaicas teriam sido gradualmente compostas até finalmente serem compiladas

[23] ASURMENDI, Jésus M., Op. cit., p. 416.
[24] COLLINS, J. J., Op. cit., p. 26.
[25] ROWLEY, H. H., Op. cit., p. 43.
[26] PORTEOUS, Norman, Op. cit., p. 20.
[27] Cf. DONNER, Herbert, Op. cit., p. 421-432. Há, ainda, as evidências lingüísticas contra a composição no VI século: por exemplo, o empréstimo de palavras estrangeiras, como três termos gregos de instrumentos musicais em Dn 3,5, os quais dificilmente poderiam ser de época anterior à conquista de Alexandre Magno (336 a.C.).
[28] MONTGOMERY, J. J., Op. cit., p. 96.

em um livro. Assim, Montgomery não vê a necessidade de se postular um único escritor para todo o livro[29]. Já os capítulos 7 a 12 "pertencem aos primeiros anos da revolta dos macabeus, 168-165 a.C.; as quatro visões são consideradas como sendo compostas uma por uma"[30].

O conhecimento da corte babilônica que transparece nos seis capítulos iniciais é, de fato, considerável (especialmente o modo de vida da corte em relação ao adivinho e à sabedoria caldéia), o que poderia corroborar para autoria e data no período babilônico. Entretanto, Montgomery alega que práticas religiosas babilônicas sobreviveram até muito tempo após a queda do império, sendo alternadas somente de forma superficial pelas sucessivas fases políticas[31].

3. O testemunho dos manuscritos de Qumran

Os manuscritos de Qumran contêm fragmentos dum ciclo de Daniel, o qual tem semelhanças com o livro canônico, especialmente um trecho que contém a chamada "Oração de Nabônides", encontrada na Caverna IV, a qual tem estreita relação com Dn 3,31-4,34, com a substituição do nome de Nabônides por Nabucodonosor em *Daniel*.

Essa oração foi preservada em quatro fragmentos; o texto contém muitas brechas, mas seu sentido geral é claro:

> Palavra da oração que rezou Nabônides, rei do pa[ís de Babi]lônia, [grande] rei, [quando foi afligido] por uma inflamação maligna, por decreto do De[us Altís]simo, em Temã. [Eu, Nabônides,] fui afligido [por uma inflamação maligna] durante sete anos, e fui relegado longe [dos homens até que rezei ao Deus Altíssimo] e meu pecado o perdoou um exorcista. Era um [homem] judeu d[os desterrados, o qual me disse:] Proclama por escrito para que se dê glória, exal[tacão e honra] ao nome do de[us Altíssimo. E eu escrevi assim: Quando] fui afligido por uma inflamação ma[ligna e permaneci] em Temã [por decreto do Deus Altíssimo, eu] rezei durante sete anos [ante todos] os deuses de prata e de ouro, [de bronze e de ferro,] de madeira, de pedra e de argila, porque [eu pensava] que eram deuses [...] ... Eu tive um sonho [...] se distanciou, a

[29] Essa tese, de que houve mais de um escritor para o livro (ou seja, de a forma final ser fruto de um trabalho redacional que envolveu compilação), é a adotada atualmente pela maioria dos estudiosos já citados anteriormente.
[30] Ibidem.
[31] Ibidem, p. 73-76.

paz de [...] meus amigos. Não pude [...] como és tu parecido a [...][32].

Nabônides é o último rei da dinastia neobabilônica. Como se vê acima, a exemplo do relato em *Daniel*, no relato de Qumran também aparece um "mago" judeu aconselhando o rei babilônico a buscar no deus dos judeus a cura para uma doença; o fato de esse mago não ter sido ainda identificado com Daniel pode comprovar que os *relatos da corte* (capítulos 2-6 de *Daniel*) representam, de fato, tradições babilônicas antigas, que tinham assumido sua forma atual antes do período macabeu, sendo incorporadas como uma unidade pelo redator de *Daniel* (posição defendida pela maior parte dos autores citados neste artigo). No mínimo, os textos de Qumran indicam a existência de um círculo de literatura daniélica mais amplo do que o contido no livro canônico[33].

4. Conclusão

J. J. Collins assevera que há uma grande discrepância entre a leitura pré-crítica do livro, ainda defendida por alguns autores conservadores, e a erudição crítica moderna: a "erudição moderna tem assegurado que Daniel é uma figura lendária, que as histórias dos capítulos 1 a 6 não são mais antigas que o período helenístico, e que as revelações nos capítulos 7 a 12 foram escritas no período macabeu quando o rei sírio Antíoco Epífanes estava perseguindo os judeus"[34]. Ele acrescenta ainda que "o livro de Daniel pode ser datado com relativa precisão entre a segunda campanha de Antíoco epífanes contra o Egito em 167 a.C. e sua morte em 164[35]".

A tese da composição em vista das perseguições impostas por Antíoco IV também é defendida por D. S. Russell[36]: tratar-se-ia de um protesto contra a cultura estrangeira (helenística) e um encorajamento à manutenção da constância nos princípios do judaísmo.

H. H. Rowley afirma achar "mais fácil dar um significado inteligível a qualquer parte do livro se o localizarmos nos dias dos macabeus, e nada que exija uma época anterior. Isto não significa que o autor tirou as histórias de sua própria cabeça. Significa que usou velhas histórias e tradições, e adaptou-as a seu propósito"[37]. Rowley é o principal defensor da tese da unidade

[32] Cf. MARTÍNEZ, Florentino García, *Textos de Qumran*, p. 334.
[33] COLLINS, J. J., *The Apocalyptic Imagination*, p. 88.
[34] Idem. *Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature*, p. 28.
[35] Idem (Ed.), *Apocalypse: the Morphology of a Genre*, p. 30.
[36] RUSSELL, D. S., *Apocalyptic: Ancient and Modern*, p. 10.
[37] ROWLEY, H. H., Op. cit., p. 44.

do livro em relação à autoria das *narrativas da corte* (capítulos 1-6) e das visões (capítulos 7-12), sem considerar os acréscimos gregos.

Pela época que o livro de *Daniel* deixa transparecer com seu conteúdo e gênero, ele já não representa mais a corrente profética primitiva, mas o desenvolvimento do *apocalipsismo*, como se observa também em outras obras do período judaico intertestamentário; "tanto em Enoque quanto em Daniel, o desenvolvimento do tipo histórico de apocalipses está associado com a crise do período Macabeu e envolve uma reapropiação extensa da tradição profética, especialmente em Daniel"[38].

Assim sendo, é possível, com base nas evidências internas, pressupor que o livro de *Daniel* é o resultado de um processo de composição que se estende do III ao II século a.C. Os capítulos 1 a 6 seriam fruto de um período mais primitivo (pelo menos os capítulos 2 a 6, se considerarmos 1,1 a 2,4a, escrito em hebraico, como trecho tardio), pois contêm as chamadas "histórias da corte", as quais seriam conhecidas pelo redator do livro de alguma forma (ou por composições escritas isoladas, ou por tradição oral); já os capítulos 7 a 12 (e talvez o trecho 1,1-2,4a) teriam sido acrescentados no período mais tardio, mais exatamente na época de domínio de Antíoco IV, como aponta especialmente o capítulo 11.

Dionísio Oliveira Soares
Mestre e Doutorando em Teologia pela PUC-RJ
Bacharel e Licenciado em Letras Clássicas pela UFRJ
Docente da Faculdade Batista do RJ e da Universidade Estácio de Sá

Referências bibliográficas

ASURMENDI, Jésus M., Daniel e a apocalíptica, In: CARO, José M. Sánchez (Ed.), *História, narrativa, apocalíptica,* Tradução de José Joaquim Sobral, São Paulo, Ave-Maria, 2004.

BALDWIN, Joyce, *Daniel, an Introduction and Commentary,* Leicester, Inter-Varsity Press, 1978.

BARRERA, Julio Trebolle, *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia,* 2ª. ed., Tradução de Ramiro Mincato, Petrópolis, Vozes, 1995.

CHARLES, R. H. (Ed.), *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament,* Oxford, Clarendon Press, 1913, v.2.

[38] COLLINS, J. J., *Daniel: a Commentary on the Book of Daniel*, p. 71.

COHN, Norman, *Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no Apocalipse,* Tradução de Cláudio Marcondes, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

COLLIS, J. J., *The Apocalyptic Imagination: an Introduction to Jewish Apocalyptic Literature,* 2ª. ed., Michigan, Eerdmans, 1998.

_____, *Daniel: a Commentary on the Book of Daniel,* Minneapolis, Augsburg Fortress Press, 1993.

_____, *Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature,* Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1984.

_____, (Ed.), *Apocalypse: the Morphology of a Genre,* Semeia 14, 1979, Atlanta, Society of Biblical Literature, 221 p.

DONNER, Herbert, *História de Israel e dos povos vizinhos,* 2ª. ed., Tradução de Cláudio Molz e Hans Trein, São Leopoldo, Sinodal, Petrópolis, Vozes, 1997, v.2.

HERÓDOTO, *História,* 2ª. ed., Tradução de J. Brito Broca, São Paulo, Ediouro, 2001.

MARTÍNEZ, Florentino García, *Textos de Qumran,* Tradução de Valmor da Silva, Petrópolis, Vozes, 1994.

MONTGOMERY, J. A., *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel,* Edinburgh, T & T Clark, 1927.

PORTEOUS, Norman W., *Daniel, a Commentary,* Philadelphia, The Westminster Press, 1965.

PRITCHARD, James B. (Ed.), *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament,* Third edition with Supplement, New Jersey, Princeton University Press, 1969.

ROWLEY, H. H., *A importância da literatura apocalíptica: um estudo da literatura apocalíptica judaica e cristã de Daniel ao Apocalipse,* Tradução de Rui Gutierres São Paulo, Paulinas, 1980.

RUSSELL, D. S., *Apocalyptic: Ancient and Modern,* London, SCM Press, 1978.

_____, *The Method and Message of Jewish Apocalyptic,* Philadelphia, The Westminster Press, 1964.

VON RAD, Gerhard, *Teologia do Antigo Testamento,* 2ª. ed., rev. Tradução de Francisco Catão, Carlos A. Dreher e Cláudio Molz, São Paulo, ASTE/Targumim, 2006, v.2.